

Sobre Moema Selma D'Andrea¹

Sônia Lúcia Ramalho de Farias

Desejo, inicialmente, reproduzir aqui as palavras que Moema dedicou a mim no autógrafo da segunda edição revista do seu livro *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas* (Unicamp, 2010): “pelos anos de amizade e parceria intelectual”. Não poderia deixar de dizer que esta é uma oportunidade rara de tentar resgatar a obra de Moema do estranho e inexplicável silêncio a que foi, entre nós, confinada. Principalmente considerando-se que a primeira edição do mencionado livro (1992), editado, como a segunda, pela Editora da Unicamp, com o título original *A Tradição redescoberta: Gilberto Freyre e a tradição regionalista*, esgotou-se em pouco tempo, atestando o interesse que a obra despertou no público leitor em âmbito nacional.

Conforme já afirmei no prefácio da segunda edição do livro sobre Freyre, que tive a honra de assinar e que recupero aqui em parte, o estudo de Moema Selma sobre a obra freyriana assume na fortuna crítica do sociólogo uma posição singular. Enfrenta o vastíssimo e controvertido debate sobre a produção do “mestre de Apipucos”, alcançando um lugar de destaque. Não apenas pela ousadia do intento – rever a proposta do ideário regionalista do autor de *Casa-grande e senzala*, resgatando suas condições de produção em diálogo com o contexto sociocultural e literário nordestino – mas por fazê-lo com discernimento e sagacidade analítica.

O trajeto percorrido pressupõe evitar duas posturas via de regra alternadas na avaliação do legado hermenêutico daquele intérprete da sociedade patriarcal brasileira – a reverência laudatória, fomentadora do mito, e o veto ideológico, responsável por denegações maniqueístas e redutoras. O desafio assumido nesse ainda bastante atual *A tradição redescoberta* é bem mais complexo do que as tendências mencionadas. Consegue fugir da mitificação em torno do autor e sua obra sem fazer *tabula rasa* da significativa contribuição intelectual de Freyre. Sua apreciação crítica caracteriza-se, especialmente, pelo rigor argumentativo da “desleitura” (no dizer de Haroldo Bloom) ensaística. A abordagem preocupa-se, sobretudo, em redimensionar o Regionalismo nordestino postulado por Gilberto Freyre na década de 1920, em Pernambuco, reavaliando-o numa interação discursiva com outras vertentes culturais e literárias, articuladas, direta ou indiretamente, à matriz tradicionalista freyriana. Dentre essas, destaca-se o romance de Mário Sette, *Senhora de engenho* (1921), cuja urdidura ficcional, sagazmente desconstruída, possibilitou à autora um dos achados mais interessantes da pesquisa. Ou seja, detectar, nas suas próprias

¹ Nota da Comissão Editorial da Revista Caetana: Sônia Lúcia Ramalho de Farias, mais conhecida como Sônia Ramalho, foi professora dos cursos de Letras da UFPB e UFPE. Fez mestrado e doutorado na PUCRJ, sendo o primeiro sob orientação de Gilberto Mendonça Teles e o segundo sob a orientação de Silviano Santiago. Publicou ensaios, artigos, livros e resenhas sobre literatura, além de diversas orientações de dissertações de mestrado e teses de doutorados, nas duas instituições em que trabalhou. Seus temas de predileção para pesquisa envolviam assuntos relacionados a José Lins do Rego, Ariano Suassuna, Nordeste, e tudo que dissesse respeito à Literatura Brasileira Contemporânea, como, por exemplo, as narrativas de Chico Buarque. Em 2006 publicou *O sertão de José Lins do Rego: espaço regional, messianismo e cangaço*, pela EDUFPE, em Recife. Em novembro de 2022, Sônia Ramalho nos deixou. Seu falecimento precoce abalou muito a comunidade acadêmica, não apenas pela pesquisadora de fôlego que ela foi, mas, especialmente, pela figura humana que sempre representou para seus alunos e alunas, colegas dos cursos de letras da UFPB e da UFPE, onde lecionou. Naquele momento de sua partida, ela escrevia o ensaio sobre Moema Selma D'Andrea, que ora se publica, atendendo ao pedido da comissão editorial da Revista Caetana. O ensaio ficou inconcluso e, mesmo assim, a comissão decidiu por publicá-lo, procurando ajustar algumas informações no arquivo enviado, postumamente, por sua filha Bruna Ramalho, respeitando, essencialmente, o conteúdo e as intenções da autora ao prestar homenagem a Moema, amiga na vida e na atividade acadêmica. Trata-se, conforme ela havia comunicado à comissão editorial desta revista, de um ensaio em que readapta dois textos: o prefácio à segunda edição do livro de Moema (*A Tradição redescoberta: Gilberto Freyre e a tradição regionalista*) e uma apresentação para evento na Academia Paraibana de Letras para o qual foi convidada e que, por motivo desconhecido, não aconteceu. Por essa razão, considerou-se importante reproduzir o primeiro parágrafo que consta no esboço enviado por sua filha Bruna, para uma melhor contextualização: “De início, a par dos cumprimentos ao público aqui presente e aos colegas desta Mesa, quero louvar a Academia Paraibana de Letras pela iniciativa de dedicar esta sessão do projeto “Pôr do Sol Literário” a nomes como Sônia Van Dick, Ronaldo Monte, Severino Ramos, Bernardo Bertollucci e Moema Selma D'Andrea, intelectuais que não estão mais presentes fisicamente entre nós, mas cujas obras permanecem no nosso convívio a atestar a importância de suas respectivas produções. Desejo, ainda inicialmente, agradecer a indicação do meu nome pelo acadêmico, professor, ensaísta, ficcionista e poeta Hildeberto Barbosa Filho, que idealizou e intermediou essa iniciativa, incumbindo-me da responsabilidade de falar sobre Moema.”

palavras, “a intrincada rede de relações tecidas entre o patriarcalismo rural (em crise) e o urbanismo”, que se anuncia no processo de modernização do país. O enfoque tornou possível, ao mesmo tempo, identificar no texto de Sette a matriz temática e ideológica daquele que é considerado o marco antecipatório do romance nordestino de 1930, *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida. Possibilitou também situar, paradoxalmente, à revelia da própria postura tradicional de Freyre, o contributo que oferece à renovação do romance brasileiro na sua vertente modernista de 1930, o chamado “romance do Nordeste”, cujas temática e forma [...] enfatizam, na esteira de Gilberto Freyre, o ambíguo registro da decadência e da oligarquia rural nordestina e a perda da hegemonia de seu locus regional, decorrente do processo de industrialização, hegemonicamente ascendente, do Centro-Sul cafeeiro com a consequente emergência da burguesia urbana paulista. Transformações capitalistas [foram] responsáveis, em última instância pelo confronto, não apenas estético-cultural, mas também político, engendrado por Freyre, e, no encalço deste, por José Lins – entre as duas vertentes que na década de 1920 protagonizaram o debate intelectual no cenário do Brasil: respectivamente a matriz regionalista do escritor pernambucano e o Modernismo de 22, representado pela vertente paulista de Mário e Oswald de Andrade.

Buscando suplementar valiosos trabalhos historiográficos e críticos sobre a produção gilbertiana, a exemplo dos ensaios de Carlos Guilherme Mota, Renato Ortiz, Rosa Godoy Silveira, Neroaldo Pontes de Azevedo, entre outros, o estudo de Moema Selma orienta sua perspectiva para o enfoque inovador de obras menos emblemáticas e, portanto, ainda insuficientemente abordadas pela então fortuna crítica do autor: o polêmico *Manifesto regionalista de 1926*, publicado, de fato em 1952, e as crônicas ou os artigos da década de 1920 (dos quais o *Manifesto* é uma súplica), veiculados no *Diário de Pernambuco* e reunidos depois no livro *Tempo de Aprendiz* (1979). No intuito de ler simultaneamente o discurso cultural e o literário, tais textos são cotejados com uma significativa e diversificada produção de autoria distinta, coetânea a do autor de *Sobrados e mucambos* (1936).

O objetivo é assinalar os compassos e descompassos de poetas, romancistas, dramaturgos e ensaístas que, no contexto em foco, contracenavam com o mentor do “Regionalismo-tradicionalista e, a seu modo, modernista”, para utilizar aqui os termos empregados por ele próprio na definição do movimento. O diálogo intertextual abre, assim, espaço para que se revejam diferentes formas de representação da tradição patriarcal do Nordeste. Desde aquelas que realimentam essa tradição até as que nela instauram um corte paródico, como os contradiscursos poéticos de Joaquim Cardozo (“Recife morto”, “A arquitetura da cana-de-açúcar”, “As alvarengas”) e de João Cabral de Melo Neto (“Vida e morte Severina”, “Graciliano Ramos”), cujas dramáticas e respectivas representações da cidade do Recife, da arquitetura canavieira e dos diferentes espaços regionais, nivelados pela miséria, desconstroem a harmônica imagética da tradição cultural do Nordeste agrário freyriano, ricocheteando por tabela na lírica “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, publicado originalmente no *Livro do Nordeste*, organizado por Freyre em 1925. A importância do discurso crítico de Moema Selma não está apenas em identificar o lugar sociocultural de onde fala Gilberto Freyre. Outros estudiosos já o fizeram antes e depois dela. O contributo maior de seu estudo consiste em saber ler os ardis retóricos que seduzem o leitor através de um “estilo auditivo” (Costa Lima), reconhecendo o contributo fundamental do autor de *Região e tradição* para a antropologia social do país, sem sucumbir à “fascinação estética” de sua escrita.

A ensaística de Moema não é vasta, mas bastante significativa no tocante à contribuição que oferece à fortuna crítica de autores e temas abordados. São apenas três livros, incluindo o mencionado estudo sobre Gilberto Freyre, originalmente sua dissertação de mestrado defendida em 1987 na Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação de Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha.

O segundo livro, *A cidade poética de Joaquim Cardozo*, (Editora Idéia, 1998), revisto e republicado pela mesma editora em 2012 com o subtítulo “elegia de uma modernidade”, é fruto de sua tese de doutorado,

na Unicamp, orientada por Roberto Schwarz. O estudo foi premiado em primeiro lugar no Concurso de Ensaaios, Prêmio Joaquim Cardozo, promovido pela UBE – União Brasileira de Escritores – de Pernambuco, em 1998(?). Tal premiação, igualmente, atesta o positivo reconhecimento de sua escrita para além dos limites locais.

No que diz respeito à obra de Joaquim Cardozo, (1878- 1924), a leitura de Moema Selma busca redefinir sua via alternativa “no espaço do Modernismo brasileiro através da forma particular de seu produto lírico”, cuja singularidade distingue a moderna dicção poética do vate paraibano da maioria daquelas convencionais do regionalismo nordestino (sobretudo Jorge de Lima, na sua primeira fase, e Ascenso Ferreira). A distinção se estende também às obras produzidas pela vanguarda dos modernistas de 1922, (especificamente Oswald de Andrade) com as quais são confrontadas ao longo do estudo.

O enfoque da ensaísta incide, ao mesmo tempo, sobre a dupla experiência a partir da qual, nas décadas de 1920/1930, o pernambucano Cardozo reescreve o Recife: a histórica e a poética. Tal articulação entre história e poesia possibilita à autora situar a tensa perspectiva de Cardozo entre [...] rural e urbano, a realidade local do Recife e os vínculos que ela mantém, no contexto de industrialização do país. Vinculação não apenas com a experiência da modernidade brasileira, vista do ângulo de um autor local/regional, mas também com as “modernas relações intersocietárias” em curso no contexto da sociedade burguesa ocidental, a partir de Paris. Justifica-se, portanto, o diálogo que a autora estabelece entre a obra de Baudelaire (sobretudo *Tableaux parisienses*) e a de Joaquim Cardozo, destacando os aspectos similares de suas respectivas poéticas no distinto “chão histórico” de cada uma delas.

Nesse contexto de confrontos, uma das características ressaltadas no discurso poético de Cardozo, desde “As Alverengas” até a “Terra do manguê”, é a problematização da modernidade imposta ao Recife [...]. O distanciamento crítico de sua forma artística incorpora o clima de “urbanismo arrasado” da época, sem incorrer, em contrapartida, na “immediatez localista” e na “regionalização da cor local”. Assim, os poemas que tematizam a paisagem nordestina, a exemplo de “Imagens do Nordeste”, abordam a peculiaridade vegetal e climática da região através de uma subjetividade lírica que não recorre ao “recurso de uma natureza redentora”. Isenta, pois, do ufanismo e pitoresco convertidos, desde a literatura colonial, em panaceia para os males do atraso. A recuperação mnemônica desse espaço mantém, assim, uma “relação idílica com a natureza nordestina abstraída [...] do contexto acentuadamente cultural e regionalista (*stricto sensu*) comuns aos dois poetas nordestinos acima destacados e a outras poesias ditas regionalistas ou modernistas.”

O último trabalho, *A terceira margem: ensaios críticos*, editora Ideia, 2011, cujo título presta “tributo e reverência” a um dos escritores tematizados no livro, Guimarães Rosa, aludindo ao seu belíssimo conto, “A terceira margem do rio”, distinguido em um dos estudos, reúne dezessete ensaios que se debruçam sobre diversificados autores, obras e temas, publicados em periódicos vários, incluindo reflexões retomadas de sua dissertação e tese de doutorado. A perspicácia analítica e a solidez argumentativa de Moema igualmente perpassam essa sua produção ensaística.